**Elaide Martins da
Cunha**

Universidade Federal do
Pará (UFPA).

**Narrativas Jornalísticas e
Ativismo Midiático: a notícia
pelo lado de dentro**

**News Narratives and
Media Activism: the news
from the inside**

**Narrativas periodísticas y
activismo mediático: la noticia
por el lado de adentro**

RESUMO

Esta pesquisa empírica desenvolve-se a partir da análise sobre a cobertura feita pelo grupo Mídia Ninja das ações relativas ao Movimento de Ocupação, que tomou mais de mil instituições de ensino em todo o Brasil em 2016. Esse movimento se tornou símbolo de resistência à PEC 241/55, elaborada pelo governo Temer para congelar os gastos na saúde e educação por 20 anos. A coleta resulta do monitoramento feito pelo Observatório de Mídia da Universidade Federal do Pará (UFPA), que somente na fanpage da Mídia Ninja no Facebook contabilizou 565 postagens sobre as ocupações nos períodos de 07 a 16 e 22 a 27 de novembro de 2016. Adotando-se critérios quanti e qualitativos, foram analisadas 50 postagens publicadas nessa fanpage, considerada um espaço de enfrentamento e crítica ao discurso hegemônico. A partir dos estudos de Downing (2002), Motta (2005, 2008, 2013), Martín-Barbero (2009), Aquino (2009), Araújo (2011), Malini e Antoun (2013) e Bentes (2013, 2014), dentre outros, procura-se identificar e compreender os modos de narrar presentes no conteúdo produzido pelo coletivo em sua fanpage, a fim de perceber aspectos da narrativa jornalística no contexto do ativismo midiático. Os principais resultados desta pesquisa apontam para uma narrativa jornalística pautada pelo ativismo, cuja construção é marcada pelo olhar não apenas de quem produz a notícia, mas também de quem vivencia os fatos.

Palavras-chave: Narrativa jornalística; Ativismo midiático; Movimento de Ocupação.

ABSTRACT

This empirical research is developed from the analysis of the coverage made by the group Mídia Ninja of the actions related to the Occupational Movement, which took more than a thousand educational institutions throughout Brazil in 2016. This movement became a symbol of resistance to PEC 241/55, prepared by the Temer government to freeze spending on health and education for 20 years. The collection results from the monitoring done by the Media Observatory of the Federal University of Pará (UFPA), that only in the fanpage of the Mídia Ninja on Facebook counted 565 posts about the occupations in the periods of 07 to 16 and 22 to 27 of November of 2016. Adopting -there are quantitative and qualitative criteria, we analyzed 50 posts published in this fanpage, considered a space of confrontation and criticism to the hegemonic discourse. From the studies of Downing (2002), Motta (2005, 2008, 2013), Martín-Barbero (2009), Aquino (2009), Araújo (2011), Malini e Antoun (2013) e Bentes (2013, 2014), among other, we try to identify and understand the ways of narration present in the content produced by the collective in its fanpage, in order to perceive aspects of the journalistic narrative in the context of media activism. The main results of this research point to a journalistic narrative guided by activism, whose construction is marked by the look not only of who produces the news, but also of those who experience the facts.

Keywords: Journalistic narrative; Media activism; Occupancy Movement.

RESUMEN

Esta investigación empírica se desarrolla a partir del análisis sobre la cobertura hecha por el grupo Mídia Ninja de las acciones relativas al Movimiento de Ocupación, que tomó más de mil instituciones de enseñanza en todo Brasil en 2016. Este movimiento se convirtió en símbolo de resistencia a la PEC 241/55, elaborada por el gobierno Temer para congelar los gastos en salud y educación por 20 años. La recolección resulta del monitoreo realizado por el Observatorio de Medios de la Universidad Federal de Pará (UFPA), que sólo en la fanpage del Mídia Nainja en Facebook contabilizó 565 posturas sobre las ocupaciones en los períodos de 07 a 16 y 22 a 27 de noviembre de 2016. Adoptando Los criterios cuantitativos y cualitativos, se analizaron 50 postes publicados en esta fanpage, considerada un espacio de enfrentamiento y crítica al discurso hegemónico. A partir de los estudios de Downing (2002), Motta (2005, 2008, 2013), Martín-Barbero (2009), Aquino (2009), Araújo (2011), Malini e Antoun (2013) e Bentes (2013, 2014) y otros, se busca identificar y comprender los modos de narrar presentes en el contenido producido por el colectivo en su fanpage, a fin de percibir aspectos de la narrativa periodística en el contexto del activismo mediático. Los principales resultados de esta pesquisa apuntan para una narrativa periodística pautada por el activismo, cuya construcción es marcada por la mirada no solamente de quien produce la noticia, sino también de quien vivencia los hechos.

Palabras clave: Narrativa periodística; Activismo mediático; Movimiento de Ocupación.

Submissão: 30-7-2017

Decisão editorial: 23-11-2017

Introdução

Desde quando assumiu a presidência do Brasil, ainda interinamente, em 12 de maio de 2016¹, o então vice-presidente Michel Temer vem articulando reformas e medidas que subtraem os direitos sociais, trabalhistas e previdenciários dos brasileiros, a exemplo da Proposta de *Emenda Constitucional (PEC) 241/55*, que congela os investimentos públicos nas áreas de saúde e educação durante 20 anos. Enviada pela presidência da República ao Congresso Nacional em 15 de junho de 2016 e anunciada no final de setembro, tornou-se conhecida como a ‘PEC da Morte’ ou ‘PEC do Teto dos Gastos’. Essa medida foi rejeitada por diversos setores da sociedade civil, sobretudo a educação, gerando um movimento de resistência em todo o país. Nesta pesquisa, lançamos um olhar para a produção midiática desse movimento, a fim de compreender a narrativa jornalística no

¹ Nessa data, o Senado Federal aprovou a abertura do processo de *impeachment* da então presidente da República, Dilma Rousseff (PT), o qual, para muitos, representa um golpe de Estado, sobretudo por ter sido motivado pelas chamadas pedaladas fiscais, prática corriqueira no Executivo e que não se constituem razão jurídica para procedê-lo. Após a conclusão do processo, Michel Temer foi efetivado presidente em 31 de agosto de 2016.

contexto do ativismo midiático. A análise ampara-se nos estudos de Fábio Malini e Henrique Antoun (2013), Manuel Castells (2013), Ivana Bentes (2013, 2014), Jesus Martín-Barbero (2009), David de Ugarte (2007) e John Downing (2002) e adota a Análise Crítica da Narrativa, de Luiz Gonzaga Motta (2013), como procedimento metodológico.

Antes de entrarmos na análise, convém ressaltar, mesmo que brevemente, alguns aspectos desse movimento, que mobilizou protestos, passeatas e buscou sensibilizar a sociedade sobre os efeitos da PEC 241/55. Embaladas pela resistência a essa proposta, muitas instituições de ensino tornaram-se palco do chamado Movimento de Ocupação, que do final de setembro, quando a PEC foi anunciada, até o final de outubro de 2016 já contava com a adesão de mais de mil escolas em todo o Brasil (TOKARNIA, 2016), além de institutos federais e universidades públicas e particulares. Ao mesmo tempo em que ganhava adeptos, recebia críticas, sobretudo, da mídia tradicional, cuja cobertura trazia clara tendência à criminalização do movimento. Nesse cenário, a mídia alternativa despontou como um espaço de desconstrução do discurso dominante, dando visibilidade ao Movimento de Ocupação a partir de uma perspectiva contra-hegemônica e radical.

Um dos protagonistas dessa mídia alternativa foi o grupo Mídia Ninja - Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação, uma rede aberta e colaborativa criada em 2013 no Brasil por um grupo de jornalistas e mantida por mais de 200 coletivos e milhares de colaboradores (LEAL, 2015) que produzem e distribuem informação descentralizada. Para isso, adotam diversas plataformas digitais, como o Twitter, Facebook,

Tumblr, YouTube, além de seu site². “Apostamos na lógica colaborativa de criação e compartilhamento de conteúdos, característica da sociedade em rede, para realizar reportagens, documentários e investigações no Brasil e no mundo” (fanpage NINJA, Facebook, s.d.).

Durante o Movimento de Ocupação, esse coletivo fez uma cobertura em capitais e no interior do país. “Nossa pauta está onde a luta social e a articulação das transformações culturais, políticas, econômicas e ambientais se expressa” (fanpage NINJA, Facebook, s.d.). Essa luta se desenvolve, sobretudo, no ciberespaço e nos remete a Castells (2013, p.11), que acredita que os indivíduos formam redes “compartilhando dores e esperanças no livre espaço público da internet”. Em processo de interação, eles criam significados, “conectando suas redes, cuja constituição é operada pelo ato da comunicação” (CASTELLS, 2013, p.15). A produção de significados resulta, segundo Motta (2008), da enunciação dos estados de transformação, a qual é capa também de organizar o discurso narrativo.

A narrativa traduz o conhecimento objetivo e subjetivo do mundo [...] em relatos. A partir dos enunciados narrativos somos capazes de colocar as coisas em relação umas com as outras em uma ordem e perspectiva, em um desenrolar lógico e cronológico.

² Nos primeiros quatro anos, o grupo hospedou seu site de notícias na plataforma Oximity (ninja.oximity.com), que depois foi adquirida pelo Scribd, um serviço para leitura de livros, audiolivros e revistas por assinatura paga. A partir do segundo semestre de 2017, o grupo Mídia Ninja passou a usar o endereço <http://midianinja.org>, quando imprimiu novo formato ao site, dando maior destaque ao conteúdo de fotojornalismo, audiovisual e de seus colonistas.

É assim que compreendemos a maioria das coisas do mundo (MOTTA, 2008, p.2).

Partindo dessa concepção, concentramo-nos nas narrativas construídas pelo grupo Mídia Ninja a respeito do Movimento de Ocupação em sua fanpage na rede social digital Facebook³, buscando compreender o jornalismo no contexto do ativismo midiático. Para tanto, este trabalho norteia-se a partir da questão central: quais os modos de narrar adotados pelo grupo?

Nossa coleta foi realizada nos períodos de 07 a 16 e 22 a 27 de novembro de 2016, mês em que as ações do movimento foram intensificadas em função da aprovação da PEC 241/55 na Câmara dos Deputados e de seu envio ao Senado em 25 de outubro de 2016. É resultante do monitoramento feito pelo Observatório de Mídia criado pela Agência Comunicação Ocupada, da Faculdade de Comunicação (Facom) da Universidade Federal do Pará (UFPA), composta por professores e alunos da Facom e do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCom) da UFPA.

Nosso percurso metodológico parte de um levantamento quantitativo e qualitativo de todas as publicações da Mídia Ninja feitas no recorte temporal estabelecido⁴. Do total de 565 postagens, selecionamos e analisamos 50 a partir de dois critérios: a) postagens referentes às ocupações na Amazônia brasileira; b) postagens com o maior número de curtidas. Assim, após a somatória dos posts de cada dia, ado-

³ Disponível em: <https://www.facebook.com/MidiaNINJA/>

⁴ Este levantamento contou com a participação da bolsista do Programa de Apoio à Iniciação Científica (PIBIC), Roberta Pureza, graduanda de Jornalismo da Faculdade de Comunicação, UFPA.

tamos primeiramente o eixo temático como critério qualitativo de seleção das postagens, com ênfase às ocupações no âmbito regional. Em seguida, usamos o critério quantitativo para identificar os posts com maior engajamento dos usuários, tendo como ação definidora o ato de curtir. Foram selecionadas as três postagens mais curtidas de cada dia, observando-se, ainda, seus comentários e compartilhamentos. Como já dissemos, nossa pesquisa ampara-se no referencial teórico, já mencionado, sobre práticas ativistas em espaços midiáticos e adota, ainda, a Análise Crítica da Narrativa, de Motta (2013), para quem a lógica da narrativa jornalística somente se revelará se observarmos como a narrativa se organiza e se ocupa com o tempo, necessitando reordenar sua difusa cronologia.

Além de apontar os modos de narrar presentes na narrativa jornalística no contexto do ativismo midiático, cuja perspectiva da notícia é produzida por quem está do lado de dentro de movimentos sociais, a importância desta pesquisa consiste em ajudar a compreender a relação da comunicação com as transformações sociais e políticas na contemporaneidade.

Algumas características da Mídia Alternativa

Ao abordar os sentidos da comunicação contra-hegemônica, em especial da comunicação popular, Peruzzo (2006, p. 23) explica que, apesar das especificidades, os termos 'alternativa, participativa, participatória, horizontal, comunitária, dialógica e radical' costumam ser usados como sinônimos por representarem "uma forma de expressão de segmentos empobrecidos da população, mas em processo de mobilização visando suprir suas necessidades de sobrevivência e de participação política com vistas

a estabelecer a justiça social". Por sua vez, Martín-Barbero (2009) busca diferenciar meios de comunicação comunitários dos alternativos, esclarecendo que os meios comunitários estão mais ligados à democratização, enquanto os alternativos são associados ao confronto com os meios hegemônicos, pois, "no fundo, os alternativos sempre se guiaram pela vanguarda política e sempre foram pouco democráticos" (p. 160).

Para Corrales Garcia e Hernández Flores (2009), a comunicação alternativa se origina nas mentes de indivíduos que aderem ao poder contra hegemônico e parece ser a opção que surge da e para a comunidade, uma vez que esse tipo de comunicação "es resultado de un proceso social alternativo, que difiere en forma, función y contenido al proceso social propuesto por el sistema dominante, generalmente guiado por la relación del gobierno y los medios de comunicación tradicionales" (2009, p. 5).

Em suas pesquisas sobre comunicação contra-hegemônica, Downing (2002) diz que a mídia, para ser considerada alternativa, deve compartilhar os valores dos movimentos sociais e produzir, sobre os fatos abordados, versões que são omitidas pela grande mídia, questionando o discurso dominante e conquistando a confiança do público em relação ao seu poder para mudar a realidade. Por isso, esse autor ressalta a necessidade de desconstruir o poder das classes dominantes por meio da mídia contra-hegemônica, denominada por ele de mídia radical alternativa.

Dentre as características dessa mídia, Downing (2002) aponta a tendência de tentar ser mais democrática e constituir uma forma mais atuante da audiência ativa, a qual não apenas absorve mensagens,

mas elabora e molda produtos da mídia. Assim, os produtores de conteúdo das mídias radicais são chamados de ativistas, cujos objetivos “perpassam pela criação de formas participativas de informar, combinando estratégias de comunicação alternativa às ações políticas que desenvolvem” (DOWNING, 2002, p.42), propondo a seu público, portanto, o debate, a crítica e a ação.

No entanto, o autor ressalta também que esse modelo de mídia não assegura uma perspectiva progressista, uma vez que a mídia radical alternativa pode ser usada, ainda, para difundir o fundamentalismo, racismo, machismo ou fascismo, dentre outros retrocessos. Para o autor, essa mídia não está, necessariamente, ligada a uma ação positiva ou negativa, mas é uma alternativa importante para quem está à margem social. Por sua vez, Da Costa Júnior (2010, p.179) destaca o poder do positivo e do negativo, sobretudo no que se refere ao uso das tecnologias no âmbito dessas ações. Ele diz que as ações coletivas pretendem romper com o sistema comercial e com políticas de Estado, sua estrutura e hierarquias.

Assim, acrescenta Downing (2002), o essencial para definir a mídia radical alternativa é compreender que esta não constitui a esfera hegemônica da indústria cultural e, embora possa vir a atingir milhares de pessoas e abordar temáticas nacionais ou internacionais, sua perspectiva costuma ser local. Outra característica destacada pelo autor é que a comunicação seja realizada entre pessoas ativas (daí o termo ativista), cujos papéis de emissor e receptor alternam-se, atuando na construção colaborativa de suas narrativas e nos processos de mobilizações. As práticas e ações da Mídia Ninja são um exemplo

dessa concepção, conforme Rodrigues, Becker e Pinheiro (2016, p.12):

A Mídia Ninja divulga amplamente os movimentos sociais de esquerda que acontecem em todos os lugares do Brasil, principalmente para mostrar a insatisfação de muitos brasileiros causada pela entrada de Temer no governo. Outro valor identificado, desde a sua criação, é a priorização por divulgar matérias que são descentralizadas, fora do eixo Rio-São Paulo....

O termo ativista reside em pelo menos três nomenclaturas usadas para se referir às práticas ativistas em espaços midiáticos: midiativismo, midialivrismo e ciberativismo⁵. Enquanto alguns autores referem-se a esses termos como sinônimos, outros apontam suas singularidades. Para Downing (2002), por exemplo, o midiativismo é a associação de estratégias de comunicação alternativa a ações políticas, constituindo-se, segundo Luisa Aquino (2009), uma expressão direta contra as estruturas de poder, intensificada pelo uso de mídias móveis e redes sociais. No caso da Mídia Ninja, Rodrigues et al (2016, p.3) reforçam que o grupo associa “produção jornalística e ativismo político, disseminando na internet o conteúdo que era ignorado pela imprensa tradicional, através da colaboração de pessoas com uma mídia móvel (celular)”, ou seja, coloca “a mídia como elemento central de sua ação social” (MAZZARINO; MIGUEL, 2017, p. 119)

Já o midialivrismo utiliza a comunicação para mobilizar e organizar os movimentos sociais; seus integrantes fazem a cobertura como sujeito do acontecimento, aquele que Malini e Antoun (2013, p.23) chamam de “hacker das narrativas, ou seja, “um tipo

⁵ Devido à tênue linha entre esses termos, é possível perceber a presença dos três nas narrativas do grupo Mídia Ninja (LEAL; MARTINS, 2016), conforme apontamos neste trabalho.

de sujeito que produz, continuamente, narrativas sobre acontecimentos sociais que destoam das visões editadas pelos jornais, canais de TV e emissoras de rádio de grandes conglomerados de comunicação".

Os midialivristas são sujeitos aparelhados e interfacados (em *sites*, *blogs* e perfis em redes sociais, etc.) que buscam, fora do *modus operandi* dos veículos de massa, produzir uma comunicação em rede que faz alimentar novos gostos, novas agendas informativas e novos públicos, alargando assim o espaço público midiático, porque consegue *hackear* a atenção de narrativas que antes se concentravam no circuito de mídia (MALINI; ANTOUN, 2013, p.24).

Para esses autores, o midialivrismo pode ser de massa ou ciberativista. O primeiro origina-se na política radical da sociedade civil na luta pela democratização e afirma-se como prática alternativa e antagonista em relação à mídia tradicional, reunindo "experiências de movimentos sociais organizados que produzem mídias comunitárias e populares" (MALINI; ANTOUN, 2013, p.22). Já o midialivrismo ciberativista, esclarecem os autores, baseia-se na produção livre, sem intermediários e "reúne experiências singulares de construção de dispositivos digitais, tecnologias e processos compartilhados de comunicação, a partir de um processo de colaboração social em rede e de tecnologias informáticas" (2013, p.21). Seu objetivo é "radicalizar os direitos fundamentais, sobretudo a liberdade de expressão" (MALINI; ANTOUN, 2013, p.22).

Refletindo-se sobre essa comparação, percebemos traços de ambos os tipos na Mídia Ninja. Por um lado, por construírem "contra-narrativas colocadas pela mídia tradicional e conservadora que objetiva invisibilizar e criminalizar diversas lutas e movimentos

atuantes no país" (NINJA, 2015⁶ apud LEAL, 2015). Por outro, porque reúnem "manifestantes virtuais que participam ativamente dos protestos/emissões discutindo, criticando, estimulando, observando e intervindo ativamente nas transmissões em tempo real e se tornando uma referência por potencializar a emergência de "ninjas" e midialivristas em todo o Brasil" (BENTES, 2014, p.331). Caracterizando esses tipos de midialivrismo, Malini e Antoun (2013, p.22) destacam que:

Ambos reivindicam uma outra economia política dos meios, em que a propriedade dos meios deve ser comum, isto é, que a cooperação na produção social de conteúdos midiáticos seja regida por uma estrutura decisória coletiva da sociedade civil e por um direito de autor que permita que os conteúdos circulem livremente pela sociedade, e não apenas se torne uma máquina arrecadadora de patentes.

Nessa circulação de conteúdo, a internet tem um papel fundamental e o ciberativismo surge, de acordo com os autores, "como sinônimo de ações coletivas coordenadas e mobilizadas coletivamente através da comunicação distribuída em rede interativa" (2013, p.20). Em suas reflexões sobre ciberativismo, Willian Araújo (2011, p.3), diz que, de uma maneira geral, o conceito "é tratado como a forma de utilização radical das ferramentas da rede, onde indivíduos e grupos têm suas ações políticas potencializados pelos ambientes midiáticos e descentralizados da internet"

Por sua vez, Ugarte (2007) associa o ciberativismo ao empoderamento das pessoas, amparado em discurso, ferramentas e visibilidade possibilitada pelas

⁶ Em entrevista concedida pela Mídia Ninja à jornalista Mayra Leal, via e-mail, em 31.03.2015.

redes e tecnologias. Para ele, o discurso parte “de relatos de indivíduos o pequenos grupos con causa que transforman la realidad” e define “el activismo como una forma de *hacking social*” (2007, p.92). Já as ferramentas devem ser desenvolvidas e colocadas à disposição do público, uma vez que o “el ciberactivismo, como hijo de la cultura hacker, se reitera en el mito del hágalo usted mismo, de la potencia del individuo para generar consensos y transmitir ideas en una red distribuída” (UGARTE, 2007, p.93). Quanto à visibilidade dos dissensos, da ruptura da passividade, é o que o autor classifica como “la culminación de la estrategia de empowering people” (2007, p.94).

Un ciberactivista es alguien que utiliza Internet, y sobre todo la blogsfera, para difundir un discurso y poner a disposición pública herramientas que devuelvan a las personas el poder y la visibilidad que hoy monopolizan las instituciones (UGARTE, 2007, p.95).

Essa definição reforça o pensamento de Aquino (2009, p. 53), que compreende o ciberativismo como “militância virtual, prática através da qual os movimentos sociais utilizam a Internet como forma de pensar a função transgressora da comunicação, além de dar alcance global a uma causa, visando às transformações dessa hegemonia”. Trata-se de um panorama visível na Mídia Ninja, que em suas coberturas, usam “as redes digitais para promover as ações políticas dos grupos manifestantes, que ganharam um espaço para reivindicação na rede, quando não encontraram na mídia tradicional” (RODRIGUES et al., 2016, p.4).

A autora acrescenta que essa prática utiliza a internet como um espaço para construção de ação política, favorecendo a liberdade de expressão das

ideologias dos movimentos sociais e dos grupos de discussão, os quais, como bem ressaltam Malini e Antoun (2013), tiveram importância fundamental para as práticas ativistas na internet. “Na história da militância política, a Internet dos grupos de discussão vai inaugurar a política de vazamento como *modus operandi*” (p.22), a fim de divulgar suas informações a usuários em todo o mundo. Daí o termo *hacker* das narrativas, de acordo com os autores, aquele sujeito que transforma os grupos de discussão em uma estrutura de mídia, a fim de vaziar informações nas mais distintas comunidades virtuais, ou seja, o sujeito “capaz de rivalizar, subverter, contrapor com diferentes estratégias as narrativas produzidas pelos grandes conglomerados de comunicação” (BENTES, 2013, p.12), a exemplo das narrativas produzidas pelo grupo Mídia Ninja, conforme veremos nesta pesquisa. Antes, porém, trazemos alguns aspectos da perspectiva de Motta (2005, 2013) sobre elementos da narrativa.

A notícia pelo olhar do movimento: modos de narrar da Mídia Ninja

Para melhor compreendermos os modos de narrar do grupo Mídia Ninja, convém trazer algumas questões sobre narrativa. Partimos de Motta (2013) que, ao abordar narrativa jornalística, confronta o gênero reportagem com o estilo duro usado na construção das notícias *hard news*, questionando se estas, por serem fragmentadas e inconclusas, seriam consideradas narrativas. Como resposta, ele entende que a lógica da narrativa só se revelará se observarmos como ela lida com o tempo e como se organiza. E justifica: “O tempo, no relato jornalístico, é difuso,

anárquico, invertido. Por isso, a lógica e a sintaxe narrativas só despontarão se pudermos reconfigurar as unidades temáticas, intrigas que contenham princípio, meio e final de uma história única" (2013, p. 96-97).

Assim, Motta (2013) aponta a necessidade de reunir "informações dispersas sobre um mesmo tema ou assunto", que podem estar separadas por intervalos de tempo, a fim de encontrar "encadeamentos narrativos, os antecedentes e consequentes" para recompor a "serialidade, a sequência e a continuidade da intriga, como o leitor faz corriqueiramente" (2013, p.97). Para ele, isso significa reordenar temporalmente a história, reorganizar o tempo narrativo no relato jornalístico, sendo preciso, para isso, "identificar os conflitos, posicionar as personagens, descortinar o clímax e o desenlace da intriga", reordenando a difusa cronologia das narrativas jornalísticas (MOTTA, 2013, p.97). Esses elementos constituem categorias estruturantes de uma narrativa, que se desenvolvem em torno da ação, o conjunto de acontecimentos sucedidos em um determinado espaço e tempo.

Motta (2005) compreende o conflito como eixo central, aquele em torno do qual tudo gravita. Ao estudar o conflito no âmbito da narrativa jornalística sobre política, Motta e Guazina (2010, p.135) dizem que o conflito é uma categoria preexistente na cultura dos jornalistas: funcionando como um enquadramento para "organizar as atividades dos atores políticos, definir as situações e demarcar os acontecimentos". Já as personagens são as envolvidas na ação; o clímax é o momento em que o conflito fica insustentável e exige uma solução; e a intriga é um conjunto de acontecimentos que se sucedem de acordo com a causalidade, visando um desenlace.

Retomando a lógica narrativa sob a visão de Motta (2013, p. 97), para encontrá-la nas *hard news*, “o primeiro procedimento é fazer com que o difuso tempo jornalístico se torne um tempo narrativo ordenado, a fim de que as confusas informações sobre um episódio se revelem então com uma síntese, uma estória cronológica dramática”. Logo, é preciso reordenar. Entretanto, esclarece ele, a recomposição das notícias em uma nova síntese ou acontecimento (dramático ou intriga) gera um produto cultural novo e diferente, que exige a “compreensão da realidade imediata no transcurso cultural de uma sociedade”. Embora seja um procedimento determinante, “não se trata de reorganizar cronologicamente os eventos noticiosos dispersos e recompor fragmentos difusos das notícias em uma história serializada apenas” (MOTTA, 2013, p.99), mas de perceber o jornalismo como uma atividade produtora de sentidos culturais. No caso da produção da Mídia Ninja, esses sentidos são construídos no seio do ativismo midiático.

Ao analisarem a estrutura dos conteúdos da Mídia Ninja, Rodrigues et al. (2016) apontam diferentes formas durante a comparação entre a fanpage no Facebook e seu antigo site:

Nessa plataforma, as reportagens não apresentam nenhum tipo de inovação de acordo às produções multimídias e interativas. Diferentemente das publicações no Facebook, estruturando um pequeno texto que introduz o vídeo publicado abaixo [...] Nessa veiculação, os “posts” permitem uma maior interação do internauta, através dos comentários, das curtidas e reações e do compartilhamento em seus perfis (p. 6).

Nossa pesquisa confirma esse formato, pautado na abordagem colaborativa, ativista (portanto, parcial) e de abrangência nacional feita pelo grupo. Na cobertura sobre o Movimento de Ocupação, sua fanpage revela a presença de colaboradores em vários pontos do país, constituindo uma rede a partir da comunicação, com já vimos em Castells (2013). Além disso, deixa clara sua postura contrária à PEC 241/55 e seu enfoque se enquadra pelo olhar de quem vivencia os fatos, milita pela causa, ou seja, desenvolve ações políticas, tal qual o papel do ativista que produz conteúdo nas mídias radicais segundo Dowing (2002) – visão reforçada por Aquino (2009), Araújo (2011), Malini e Antoun (2013) e Bentes (2013, 2014). Essa forma participativa de informar leva-nos a conhecer melhor o cotidiano e o olhar de quem participa das manifestações, suas dificuldades, lutas, sonhos e atividades, uma perspectiva que não se vê na grande mídia, que costuma enquadrar como vandalismo as ações dos movimentos sociais, criminalizando-os.

O posicionamento político do grupo Mídia Ninja é facilmente identificado em suas narrativas e elementos, seja do título ao texto, do vídeo à fotografia. Nos conteúdos analisados durante o monitoramento (MARTINS; PUREZA, 2016), observamos que, no geral, os textos são adjetivados, indicando, claramente, a sua parcialidade. Também adotam chavões, *slogans* e até palavras de ordem, revelando a natureza militante do coletivo, a exemplo do post “Santa Maria em paralisação por nenhum direito a menos”, publicado em 12 de novembro⁷. Essa percepção é reforçada

⁷ Ressaltamos que nosso monitoramento foi realizado em 2016 e todas os dias de novembro que registramos aqui se referem a esse ano.

com o título “Estudantes da Universidade Federal e do Instituto Federal de Santa Maria foram às ruas protestar contra PEC 55 e os demais retrocessos impostos por Michel Temer”⁸, que critica e desqualifica este governo, imprimindo-lhe os sentidos de “retrocesso” e “imposição”. Quanto às imagens, representam um forte e frequente elemento constitutivo das narrativas do grupo, seja em forma de vídeos, fotografias ou galerias aliadas a pequenos textos.

Os textos curtos, que variam entre uma frase e um parágrafo, muitas vezes servem como legendas para os vídeos, que são de poucos segundos [...]. O tamanho dessas publicações pode ser um reflexo da nova cultura de produção e consumo de informações na era digital, que favorece a criação de narrativas cada vez mais curtas e superficiais. A produção de conteúdo, com tamanhos menores, é voltada para a facilidade da leitura e para a produção de uma grande quantidade de informações gerando um grande fluxo de informações no ambiente virtual. (RODRIGUES et al, 2016, p. 12).

Pela natureza fragmentada das publicações da Mídia Ninja, impõe-se aqui o desafio apresentado por Motta (2013) de procurar compreender a lógica narrativa a partir de sua organização e das formas de lidar com o tempo, como também da reconfiguração das unidades temáticas, reunindo as informações dispersas sobre o Movimento de Ocupação na fanpage do grupo, separadas, no caso, por intervalos de tempo de algumas horas ou dias.

Durante o monitoramento, vimos que o fluxo de postagens aumentava ou diminuía conforme a agenda do movimento. Em 11 de novembro de 2016, Dia

⁸ Publicado em 11 de novembro de 2016.

Nacional de Paralisações contra a PEC 55, por exemplo, foram contabilizadas cerca de 140 publicações na fanpage. Dentre elas, uma sobre o atropelamento de um estudante de psicologia da UFPA durante um bloqueio na Avenida Perimetral, em Belém, que foi apresentado como “crime de ódio”. Reproduzido da fanpage da organização Levante Popular da Juventude⁹, esse post expressa opinião sem sequer ouvir o acusado. Ao reproduzir o texto sem nenhum acréscimo de informações, a Mídia Ninja exclui a antiga prática jornalística de ‘ouvir o outro lado’, adotando uma abordagem unilateral, frequentemente adotada na fanpage, mas criticada pela mídia alternativa quando praticada pela grande mídia.

Ainda dessa data, algumas postagens reafirmam o apoio de outras categorias ao movimento para unificar a luta, como a publicação sobre uma caminhada em Belém até o Tribunal de Justiça do Pará que teve a participação de “estudantes e professores das redes públicas, Ocupa UFPA e UFRA, sindicato de bancários, associações quilombolas, MST, movimento negro, LGBT e o movimento feminista”; e outra sobre a mobilização de “estudantes do IFPA, UEPA, UFPA e Secundaristas de Castanhal para o ATO unificado” com trabalhadores em Castanhal, interior do Pará.

Explicitando ainda mais a sua natureza ativista, o coletivo reproduziu uma postagem de seu site avaliando as atividades do dia 11. Nessa avaliação feita em 13 de novembro, ressaltou que o movimento “alcançou mais cidades do que imaginamos ou conseguimos dar visibilidade”, referindo-se ao município mineiro de Capitão Enéas, “que tem aproximadamente 15

⁹ Ver em: https://www.facebook.com/pg/levantepopulardajuventude/about/?ref=page_internal

mil habitantes. Algo inédito!". Com isso, reafirma, mais uma vez, a perspectiva de quem vivencia os fatos.

Por mais que os posts publicados durante o monitoramento (MARTINS; PUREZA, 2016) estejam em meio a posts de outros assuntos, procuramos encontrar seus encadeamentos narrativos, a fim de recompor a serialidade, sequência e continuidade para alcançar a reordenação temporal da história, conforme proposto por Motta (2013). Assim, no conteúdo analisado, percebemos uma sequência nos próprios títulos: "Mais um espaço da PUC/RS é ocupado!" e "Número de universidades ocupadas contra a PEC 55 já chega a 204", notícia reproduzida da revista Fórum no dia 13 de novembro para destacar que o movimento chegou a 23 estados até aquela data.

Nessa recomposição da serialidade quanto à reorganização do tempo narrativo no relato jornalístico, foi possível identificar conflitos abordados (protestos contra a PEC), posicionamento das personagens (favorável ao movimento), clímax desses conflitos (enfrentamento da violência policial) e o desenlace da intriga (aprovação da PEC), a fim de reordenar a difusa cronologia das narrativas jornalísticas.

Em relação aos conflitos, ressaltamos que o próprio Movimento de Ocupação simboliza a resistência não somente à PEC 241/55, mas ao governo Temer. As postagens da Mídia Ninja evidenciam diversos conflitos, como as ações do Movimento Desocupa. Com o título *"Quando contrariados, não teve diálogo, partiram pra agressão"*¹⁰, o coletivo informou que, em Curitiba, o Movimento Desocupa "agrediu

¹⁰ Vídeo publicado no dia 22 de novembro de 2016 com a seguinte legenda: Violência dos seguranças contra os alunos da Faculdade de Comunicação da Famecos. Ver em: <https://www.facebook.com/MidiaNINJA/videos/758179131006901/>

manifestantes que estavam em frente à ocupação da UTFPR” - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. A polarização entre os dois movimentos é evidenciada, ainda, no post “Movimento Desocupa é barrado novamente na UFES”, com destaque para a violência: “mulheres foram agredidas e martelos foram usados para tentar romper os cadeados”¹¹.

A violência, aliás, pode ser considerada o clímax desses conflitos. Sobre a ocupação da Escola Estadual Brigadeiro Fontenelle em Belém, o coletivo Mídia Ninja denunciou, em 24 de novembro, que “uma diligência da Polícia Militar esteve na escola a título de ‘averiguar o local’, inquirindo os alunos, procurando identificar uma suposta liderança e investigando uma suposta denúncia sobre o uso de drogas ilícitas”. E classificou essa postura da polícia como uma “tentativa clara de deslegitimar e dispersar o movimento. Alunos, professores e pais argumentaram a favor da ocupação e continuaram a resistência”.

As denúncias de violência e repressão às ocupações também provocam significativa repercussão e engajamento do público, a exemplo da notícia sobre a violência dos seguranças contra os alunos da Faculdade de Comunicação Social da Famecos (PUC-RS), publicada em 11 de novembro e que contabilizou 584 mil visualizações, com 4,6 mil curtidas, 6,3 mil comentários e 7,8 mil compartilhamentos. Apesar de muitos usuários manifestarem-se contra a violência, nessa postagem foram registradas 1,8 mil reações de Riso e 523 Amei em oposição às 982 reações de Raiva, 330 de Tristeza e 138 de Surpresa, possibilitadas pelos emojis do Facebook.

¹¹ Publicado em 16.11. 2016.

Em relação aos comentários, observamos que boa parte do público da fanpage é favorável às ocupações, mas há certa polarização, especialmente quando o Movimento Desocupa se revela. Os favoráveis às ocupações reprovam o governo e a grande mídia, a exemplo dos comentários: *“E o silêncio da mídia pró-golpe continua...”*¹² e *“Assim como em tantas cidades do país, a esperança de vencer o autoritarismo cínico invadiu ruas e praças, mas a imprensa, de novo, não ‘viu’”*¹³. Convém ressaltar que, inicialmente, a polarização com o Movimento Desocupa é muito nítida nos comentários, medindo forças sobre os direitos de greve e o de ter aulas. Porém, à medida que as ocupações vão avançando, parecem conquistar mais apoio e os comentários apresentam-se mais favoráveis.

Quanto ao posicionamento político do grupo, podemos apontar a visão de dentro, o caráter ativista e o estilo opinativo nos conteúdos da fanpage da Mídia Ninja, como no post cujo título traz a seguinte questão: *“O que são 10 minutos parados frente a 20 anos de retrocessos?”*¹⁴. Além de provocar uma reflexão, essa postagem informa sobre um “cadeiraço” feito por grevistas “na entrada principal da Universidade Federal de Viçosa contra os cortes na educação, na assistência estudantil e pedindo a suspensão do período letivo da universidade”. Ao contrário do que se vê na grande mídia, que costuma tentar criminalizar os protestos que interditam o trânsito, esse post tenta justificar o ato, explicando que se trata de uma intervenção artístico-pedagógica de conscientização

¹² Publicado em 13.11. 2016.

¹³ Publicado em 25.11. 2016.

¹⁴ Publicado em 16.11. 2016.

para chamar a atenção da comunidade para os impactos da PEC 55.

Esse assunto foi abordado na fanpage por dois dias, explicando-se que durante o 'cadeiraço' foi feita uma "panfletagem de forma pacífica, parando o trânsito em intervalos de 10 em 10 minutos durante uma hora", a fim de "liberar o tráfego na via". A escolha por termos "intervenção artístico-pedagógica, conscientização, panfletagem pacífica, liberar o tráfego" procura qualificar positivamente a ação, revelando uma preocupação em legitimar o bloqueio do trânsito e afastar qualquer possibilidade de criminalização, tendência da grande mídia em coberturas sobre protestos x trânsito.

No que diz respeito ao desenlace da intriga, este pode ser percebido tanto na aprovação da PEC no Congresso Nacional¹⁵, como nas postagens que imprimem força e grandeza às ocupações, a exemplo dos posts: "A UNE - União Nacional dos Estudantes está em peso na UnB durante os próximos dois dias" para planejamento de força-tarefa contra a PEC"¹⁶; "Em Belém, mais de cinco mil pessoas ocuparam as ruas contra as reformas governamentais"; e "Estudantes em massa durante assembleia na Universidade Federal de Santa Maria"¹⁷. Esta última recebeu mais de 2.400 curtidas e 821 compartilhamentos e enfatizou a força do movimento ao dizer que a assembleia foi transferida de um auditório para "o Largo do Planetário, mas ambos foram insuficientes".

¹⁵ Após aprovação em dois turnos na Câmara dos Deputados, a PEC foi enviada ao Senado Federal em 25 de outubro de 2016, onde foi aprovada também em dois turnos: 29 de novembro e 13 de dezembro e foi promulgada em 15.12.16.

¹⁶ Publicado em 14.11. 2016

¹⁷ Publicados em 12.11. 2016

O coletivo retrata, ainda, a diversidade dos atores sociais do movimento, a exemplo do texto “Estudantes do INSIKIRAN dançam ‘Parixara’ durante a ocupação realizada nas universidades públicas contra a PEC 55”¹⁸, e seus aspectos subjetivos ao mostrar o vídeo¹⁹ em que uma estudante secundarista fez um “discurso emocionante na audiência pública em defesa dos IFs na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul”. Desse discurso, a fanpage destaca um trecho crítico e opinativo, reforçando sua postura contrária ao governo Temer: “Contamos ainda com um presidente que, além de golpista, desmoraliza a juventude e diz que ela nem sabe porque está lutando. Nós sabemos o porquê de estarmos aqui, ele que não sabe o que é voto”. Este vídeo recebeu 6,8 mil curtidas, 1.300 reações ‘Amei’ e 7,3 mil compartilhamentos.

Durante todo o monitoramento, pudemos observar frases enunciativas dos sentidos que a Mídia Ninja atribui ao movimento, como a “solidariedade às Ocupações”, o “repúdio à ação truculenta da PM”, a “união de militantes do MST, Secundaristas, Discentes e Docentes da UFMG” em uma caminhada pelo campus Pampulha, a unificação do movimento com outras lutas sociais, como a luta pela moradia na ocupação da UFABC. A fanpage também mostrou que “em Belém, estudantes decidiram por unanimidade pela ocupação total da Escola Estadual Brigadeiro Fontenelle, no bairro da Terra Firme, contra a PEC

¹⁸ Publicado em 14.11.2016

¹⁹ Com a legenda “Manu Schonhofen, estudante de 15 anos do IFSul Pelotas, representando a Primavera Secundarista”, esse vídeo foi postado em 14 de novembro de 2016 e pode ser acessado em: <https://www.facebook.com/midiaNINJA/videos/761138107377670/?fbfallback=>

55"²⁰; e que a “UnB reuniu mais de mil pessoas para debater a deflagração de greve estudantil e mobilização no dia 29 (novembro) contra a PEC”.

De uma forma geral, seus textos procuram valorizar a instantaneidade, adotando termos como ‘agora’ e ‘neste momento’, mas nem por isso deixam de publicar informações sobre fatos já ocorridos. Reiteradamente, qualificam as medidas presidenciais como “retrocessos do governo de Michel Temer”. Em meio a essas críticas, conforme postagens feitas no dia 22 de novembro, informam que a PEC 55 “promove um ataque direto a diversos setores de base do país, entre eles a Educação” e que as ocupações, “símbolo da luta contra a PEC 55”, “pretendem criar um espaço para o debate político, ampliando a força contra o sucateamento do ensino público e contra projetos como o Escola Sem Partido, que na realidade é a escola de um partido só”.

Outra característica que marca as postagens é a indignação quanto às medidas do governo federal, como também a preocupação em explicar e justificar as ações do movimento, como no texto publicado em 25 de novembro referente à ocupação do IFSP-São Roque: “A ocupação parcial não prejudica os estudantes. Nossa prioridade é conscientizar e levantar essas questões [da PEC e da Reforma do Ensino Médio] aqui no campus”. Nesse mesmo dia, também foi noticiado o cortejo fúnebre feito por estudantes da Faculdade de Belas Artes da UFMG, “simulando o enterro da Saúde e Educação, com a aprovação da PEC 55”.

Em função do “Dia Unificado de Protestos e Paralisações”, agendado pelas Centrais Sindicais para 25

²⁰ Publicado em 24.11.16.

de novembro, muitos posts ressaltaram a adesão do movimento feminista, que denunciou “o número de mulheres mortas em 2014 pelo machismo em todos os estados do Brasil” e a adesão de “Estudantes secundaristas, estudantes da UFTM, professores da UFTM, Sindicatos dos professores do Estado e Prefeitura, professores não sindicalizados, profissionais da saúde e população” que foram às “ruas e praças de Uberaba (MG) contra a PEC do fim do mundo e as medidas do governo golpista”.

Reforçando essa vertente e as críticas ao governo Temer, no dia 27 de novembro a fanpage anunciou ‘o povo sem medo’: “Neste momento, milhares de pessoas, unificam suas lutas na Av. Paulista, em São Paulo, para pedir o fim dos retrocessos a partir de Michel Temer”; “Trabalhadores, estudantes, sem-tetos, ativistas em geral reuniram-se na luta contra os retrocessos se aprovadas as MP’s e PEC 55”. Em sua clara atuação ativista, o grupo também cobriu o ato unificado que marcou o Dia Internacional da Não Violência Contra a Mulher, que em Belém reuniu “as centrais sindicais e os movimentos feministas”²¹. Além disso, informa que nesse ato houve “o já tradicional escracho em frente à TV Liberal, afiliada da Rede Globo e culminou em uma performance de entidades feministas em frente à Delegacia Seccional Urbana de São Brás que lembrou todos os feminicídios no Pará em 2016”.

Considerações

Durante nossa análise, nos deparamos constantemente com conteúdos que explicitam o posicionamento político do grupo Mídia Ninja e os sentidos

²¹ O ato foi realizado em 25.11.2016 e a postagem foi publicada em 27 de novembro de 2016.

que este coletivo procurou atribuir ao Movimento de Ocupação. Encontramos publicações que mostraram desde a “caminhada de estudantes goianos contra as medidas governamentais” aos problemas vividos nas ocupações, como os “ataques fascistas de grupos oponentes” na UFRN, a rotina no Campus de Areia-UFPB, suas formas de se organizar, programar, realizar aulas, assembleias, limpar e cozinhar e experimentar a vida coletiva; como também denunciaram a violência enfrentada por estudantes da Famecos vinda dos seguranças, “que os agrediram com cassetetes, socos e empurrões”. Conforme percebemos nas narrativas analisadas, o coletivo Mídia Ninja procurou mostrar as ocupações como um movimento de resistência às políticas do governo Temer, como a PEC 241/55 (Teto dos Gastos) e a PEC 746, que prevê a reforma do Ensino Médio e o projeto Escola Sem Partido.

Durante os períodos monitorados, a cobertura feita pelo coletivo enfocou atividades de ocupação em diversas instituições de ensino, como o IFPA, UFPB, UEPA, UFRA, UFCA, UFSM, IFSC, UFPB, UFRN, UFES-Alegre, UFABC, UFV, UFMG, UFTM, UnB, IFSP-São Roque, PUC-MG, Famecos, Unisinos, além das manifestações em Belo Horizonte, Brasília, São Paulo, Belém, Castanhal-PA e Capitão Enéas-MG, dentre outras capitais e cidades do interior. Essa cobertura, de significativa abrangência geográfica, é possibilitada por colaboradores e ativistas que procuram retratar um movimento articulado com ações simultâneas em todo o país, “do Acre ao Rio Grande do Sul”, contemplando alguns países e grandes metrópoles, que

vão da “América Latina à Nova York” (NINJA apud LEAL, 2015²²).

Como pudemos observar nesta análise, o caráter ativista presente nas postagens da Mídia Ninja é reforçado pelo uso de palavras de ordem e por adjetivos que refirmam o seu posicionamento político contrário ao atual governo e as suas medidas, como a PEC em questão. Em seus textos curtos, quase sempre conjugados com imagens dinâmicas ou estáticas, observamos, ainda, a preferência pelos termos “manifestação” e “paralisação” em relação a protesto ou greve, usualmente adotados pela grande mídia, como também o uso de *hashtags* para marcar algumas cidades, como #Belém e #Curitiba. Não encontramos, no material analisado, postagens sobre a PEC em si, explicando do que se trata – o que não descarta a possibilidade de terem sido produzidas em outro momento ou mesmo em posts não selecionados.

Em nossa análise, podemos dizer que os modos de narrar presentes na fanpage da Mídia Ninja caracterizam-se não apenas pelo modelo estrutural, composto por textos curtos e uso frequente de imagens fixas e estáticas, mas também pela lógica da narrativa sob a perspectiva de Motta (2013), aquela que só despontará a partir da reconfiguração das unidades temáticas. Por mais fragmentadas que sejam essas postagens, podemos identificar encadeamentos entre o antes e o depois, recompondo a sequência de princípio, meio e fim da história, no caso, a do Movimento de Ocupação e as demais ações de resistência contra a PEC 241/55, reorganizando o tempo narrativo no relato jornalístico. Com isso, po-

²² Em entrevista concedida pela Mídia Ninja à jornalista Mayra Leal, via e-mail, em 31.03.2015

demos dizer que seu modo de narrar contempla a serialidade, o reordenamento temporal da história. Nesse encadeamento, pudemos identificar, como já dito, os conflitos dessa história, o posicionamento dos atores sociais envolvidos, o clímax e o seu desenlace. Uma forma de reordenar a dispersa cronologia das narrativas jornalísticas e identificar os elementos presentes nas narrativas do coletivo.

O posicionamento político e ativista da Mídia Ninja, claramente evidenciado nas publicações em defesa do movimento e contrárias às medidas do governo, à violência e às ações de desocupação, reforça a perspectiva de quem está não apenas cobrindo, mas também vivenciando os fatos – postura de um militante, ativista, aquele que mobiliza, desenvolve ações políticas e produz conteúdo para a mídia alternativa, conforme Dowing (2002), Aquino (2009), Araújo (2011), Malini e Antoun (2013) e outros autores consultados para este trabalho. Este ativista se classifica, sobretudo, como midialivista, cuja diferença para o jornalista corporativo, de acordo com Bentes (2014, p. 331), está no “fato dele estar em um protesto, ato ou manifestação não só para fazer o registro, reportar o fato e, sim, como um corpo da multidão, um dos sujeitos do acontecimento, que se utiliza da comunicação para mobilização, organização e expressão”. Ou seja, o olhar do lado de dentro é uma das marcas dos modos de narrar da Mídia Ninja e a sua narrativa ocupa um lugar de destaque na mediação dos atores envolvidos, confrontando e criticando o discurso dominante. Portanto, a fanpage do grupo pode ser considerada um espaço de enfrentamento e crítica ao discurso hegemônico.

Ademais, é importante destacar que apesar do grupo classificar o seu trabalho como “uma plataforma de jornalismo independente”²³ e criticar a parcialidade da grande mídia, ele não cultiva a prática de ouvir o outro lado, conforme observamos em nossa análise. No entanto, ao assumir a sua natureza ativista, mantém sua coerência, uma vez que procura criar “contra-narrativas colocadas pela mídia tradicional e conservadora que objetiva invisibilizar e criminalizar diversas lutas e movimentos atuantes no país”²⁴. Por isso, durante a sua cobertura sobre o Movimento de Ocupação, o coletivo Mídia Ninja mostrou as ações de ‘um povo sem medo,’ cujos ‘sonhos não cabem na PEC’.

Referências

ARAÚJO, W.F. Ciberativismo: levantamento do estado da arte na pesquisa no Brasil.

AQUINO, Luisa Santos. Estudo da interface entre ciberativismo e mídia radical alternativa nos movimentos de militância virtual Antidrogas e Psicotropicus. In: FREITAS, Ricardo O. (Org.). **Mídia Alternativa: estratégias e desafios para a comunicação hegemônica**. Ilhéus-BA: Editus, 2009, p. 249.

BENTES, Ivana. Nós somos a rede social (Prefácio). In. MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. **@internet e #rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais**. Porto Alegre: Sulina, 2013, p.10-16.

BENTES, Ivana. **Estéticas insurgentes e mídia-multidão**. Liinc em Revista, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 330-343, 2014.

CORRALES GARCÍA, F; HERNÁNDEZ FLORES, H. G. La comunicación alternativa en nuestros días: un acercamiento a los medios de la alternancia y la participación. **Razón y Palabra**, v. 14, n. 70, nov-jan.

²³ Em entrevista anteriormente citada.

²⁴ Idem.

2009. ISSN: 1605-4806. Disponível em <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=199520478050>. Acesso em: 20.06. 2017.

DA COSTA JÚNIOR, L.C.P. **Ações coletivas com mídias livres: uma interpretação gramsciana de seu programa político**. 2010, 298 f. Tese (Doutorado em Sociologia), Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

LEAL, M. **As fronteiras entre Ativismo Midiático e Jornalismo: os valores-notícia e as práticas produtivas nas narrativas da Mídia Ninja**. 2015, 105 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Jornalismo), Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Pará, Belém, 2015.

LEAL, M.; MARTINS, E. As fronteiras entre Ativismo Midiático e Jornalismo: os valores-notícia e as práticas produtivas nas narrativas da Mídia Ninja. In: ENCONTRO NACIONAL DE JOVENS PESQUISADORES EM JORNALISMO, 6, 2016, Palhoça-SC. **Anais...** Brasília: SBPJor, 2016. 22 p.

MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. **@internet e #rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais**. Porto Alegre: Sulina, 2013. 278 p.

MARTÍN-BARBERO, J. Uma aventura epistemológica (Entrevista concedida a Maria Immacolata Vassallo de Lopes). **Revista Matrizes**, v. 2, n. 2, 1º sem. 2009.

MARTINS, E.; PUREZA, R. Entre o jornalismo e o ativismo: o olhar de quem narra a própria luta. Boletim Narrativas Independentes – **Agência Comunicação Ocupada UFPA**. Disponível em: <http://comunicacao-ocupada.blogspot.com/2016/12/entre-o-jornalismo-e-o-ativismo-o-olhar.html>. Acesso em: 30 maio de 2017.

MAZZARINO, J.M; MIGUEL, K. G. Midiativismo em processos de comunicação ambiental engendrados por organizações ambientalistas: discussões e proposições. **Contracampo**, Niterói, v. 36, n. 02, pp. 114-132, ago. 2017/ nov. 2017.

MOTTA, L.G. **Narratologia - teoria e análise da narrativa jornalística**. Brasília: Casa das Musas, 2005.

MOTTA, L.G. Análise pragmática da narrativa jornalística. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia (org.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2008.

MOTTA, L.G.; GUAZINA, L. O. Conflito como Categoria Estruturante da Narrativa Política - o caso do Jornal Nacional. **Brazilian Journalism Research**, v.6, n.1, pp. 132-149, 2010.

MOTTA, L. G. **Análise Crítica da Narrativa**. Brasília: UNB, 2013.

PERUZZO, C.M.K. Revisitando os conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO, 23, 2006, Brasília. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2006.

RODRIGUES, C. S.; BECKER, B.; PINHEIRO, I. W. R. M. Mídia Ninja: uma história de ciberativismo político durante o impeachment de Dilma Rousseff. In: ENCONTRO NACIONAL DE JOVENS PESQUISADORES EM JORNALISMO, 6, 2016, Palhoça-SC. **Anais...** Brasília: SBPJor, 2016.

TOKARNIA, Mariana. Mais de mil escolas do país estão ocupadas em protesto; entenda o movimento. **Agência Brasil**, Brasília, 26/10/2016. Disponível em: <https://goo.gl/9GRy4d>. Acesso em: 12 nov. 2016.

UGARTE, David de. **El poder de las redes** - Manual ilustrado para personas, colectivos y empresas abocados al ciberactivismo. Madrid: Ediciones El Cobre, 2007. 188 p.

Elaide Martins da Cunha

Universidade Federal do Pará (UFPA)

É jornalista, doutora em Ciências: Desenvolvimento Socioambiental pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NaeA) da Universidade Federal do Pará (UFPA), docente na Faculdade de Comunicação e no Programa de Pós-Graduação 'Comunicação, Cultura e Amazônia' da UFPA, coord. do Grupo de Pesquisa Interações e Tecnologias na Amazônia e membro da Rede de Pesquisa Aplicada em Jornalismo e Tecnologias Digitais (JorTec/SBPJor). E-mail: elaide@ufpa.br. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3778190981135428>